

PERCEÇÃO AMBIENTAL: LAVADEIRAS DE ROUPAS DO RIO CONTENDAS, CIDADE DE MASSAPÊ-CE ¹

Francisco Dagmauro do Nascimento²
Licurgo Nakasu³

RESUMO

Este artigo procura focalizar a percepção ambiental e o grau de importância que as lavadeiras de roupas dão ao rio Contendas na cidade de Massapê-Ce. Além de lavarem as roupas de suas residências, lavam roupas para terceiros, objetivando um complemento da renda familiar. Muitas percebem esse rio como algo divino. Observamos que, para muitas delas, a mata ciliar representa perigo; argumentam que ela serve de esconderijo para os usuários de drogas.

PALAVRAS – CHAVES: *lavadeiras de roupas, meio ambiente, percepção ambiental, rio Contendas.*

ABSTRACT

This article tries to focus the environmental perception and the degree of importance that the laundresses of clothes give to the river Contendas in the Massapé city, Ceará state. We verified that the same ones besides they wash the clothes of your residences they wash, also, clothes for third, aiming at a complement of the family income. Many notice that river as something divine. We also observed that for many of them kills her ciliary it represents danger, they argue that the same serves as hiding place for the users of drugs.

PALAVRAS – CHAVES: *laundresses of clothes, environment, environmental perception, river Contendas*

Introdução

Este artigo consiste em uma pesquisa etnográfica realizada no município de Massapê-CE, junto às lavadeiras de roupas do rio Contendas, afluente do rio Acaraú-

¹ Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento com o Meio Ambiente- Esdema, da Universidade Vale do Acaraú em março de 2006.

² Francisco Dagmauro do Nascimento é tecnólogo em Recursos Hídricos / Saneamento Ambiental pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico (2003), com especialização em Desenvolvimento com o Meio Ambiente pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2006). Atualmente está cursando o sétimo período do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. e-mail: dagmauro@yahoo.com.br

³ Licurgo Nakasu, graduado em Agronomia pela Universidade de São Paulo (1975), especialização em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980) e doutorado em Geociências e Meio Ambiente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998). Atualmente é Professor-Substituto de Geografia Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú. e-mail: projeto_plandesva@yahoo.com.br

Mirim que atravessa a referida cidade. A nossa investigação busca compreender as relações que as lavadeiras mantêm com esse curso d' água, suas percepções e representações sobre ele.

Apesar de serem vários os usuários de suas águas, resolvemos priorizar as lavadeiras de roupas neste estudo, por serem elas o grupo social que usa este rio de forma mais direta e freqüente.

O grupo estudado é composto por mulheres, em sua maioria donas-de-casa (existem também jovens e crianças, estudantes compondo esse grupo) com baixos índices escolares. Essas mulheres procuram o rio com maior intensidade no período chuvoso, visto tratar-se de um rio intermitente (que durante a estiagem seca).

Os motivos que nos estimularam a fazer esse estudo foram as condições sanitárias e ambientais desse rio. Diariamente, ele recebe uma grande quantidade de esgoto doméstico e de resíduos sólidos, tais como: papel, plástico, animais mortos, pneus e outros. Ele está sujeito a um intenso processo de erosão e assoreamento, em decorrência, entre outras causas, da retirada da argila usada na fabricação de tijolos. O rio, também, influenciou outros sentimentos: a escolha feita como minha formação como tecnólogo em Recursos Hídricos / Saneamento Ambiental e o desejo de saber a respeito da concepção que esses usuários têm desse ambiente, visto que o usam diariamente. Talvez este último motivo tenha relação com nossos sentimentos de ambientalista e nossa própria percepção para com a realidade social do grupo estudado.

A seguir, falaremos um pouco sobre percepção ambiental, (sobre) a metodologia utilizada; apresentaremos algumas das características do rio Contendas (no trecho em que as lavadeiras de roupas desenvolvem suas atividades). E, finalmente, abordaremos o cotidiano das lavadeiras de roupas e suas percepções do rio Contendas.

Percepção ambiental

Lannoy Dorin (1984 p.163) define percepção como sendo o procedimento pelo qual compreendemos aquilo que é externo a nós. Para ele: “(...) *é um processo pelo qual*

tomamos consciência imediata dos objetos e fatos e de suas relações num dado contexto ambiental. Percepção 'é sempre uma interpretação pessoal de um evento externo'". Já Francis Bacon (1991 p.40) afirma que *"o entendimento humano tende naturalmente para as abstrações, imaginando aquilo que flui como constante (...) as formas são ficções do espírito humano"*. Como vemos, aqui, percepção parece ser um recorte individual que fazemos de um fenômeno, em um dado contexto. As formas com que percebemos o mundo estão sempre passando por transformações, pois a realidade não é imóvel e nem única. *"A imagem das coisas desloca-se e desajusta-se sem cessar"* (Nietzsche, 2003 p.79). No tocante às diversidades de realidades, Berger e Luckmann (1987 p.38-39) afirmam que o mundo consiste em múltiplas realidades, mas entre as múltiplas realidades uma se apresenta como excelência - a realidade da vida cotidiana que está ordenada em volta do "aqui" do nosso corpo e do "agora" do nosso presente. É provável que esta realidade vivenciada seja a que percebemos e interpretamos. Logo, nela atuamos.

Merleau-Ponty (1999 p.6) diz o seguinte: *"a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberativa; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles"*. Notamos que percepção, aqui, não é sinônimo de conhecimento da realidade, mas é a base para a ação; ela não é atitude, contudo está inserida no ato. Para esse autor, percepção está mais relacionada ao mundo sentido e vivido e não ao juízo ou à razão. E o corpo é o sujeito da mesma, visto que ele nos permite manter contato com o mundo. Logo, *"(...) percebemos com o corpo, o corpo é um eu natural e como que sujeito da percepção (...) é justamente o meu corpo que percebe o corpo do outrem"* (Merleau-Ponty, 1999 p.278).

Para Hegel (1997 p.84), a percepção traz em si a diversidade do saber sensível ou a essência das formas. Para ele, *"pertence à percepção a riqueza do saber sensível, e não a certeza imediata. Só a percepção tem a negação, a diferença, ou a múltipla variedade em sua essência"*.

Com relação ao meio ambiente, existem várias noções sobre o que seria. Fala-se em ambiente natural, artificial, cultural, familiar etc. Conforme Silva:

"o 'ambiente é a interação do conjunto de elementos naturais (constituído pela interação dos seres vivos com o seu meio), artificiais (espaço urbano) e culturais

(patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico e turístico) que propiciem o desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas” (Silva *Apud* Nunes, s/d p.7).

Corrêa compreende o meio ambiente como sendo:

“o conjunto de três aspectos interligados. Em primeiro lugar é o resultado material da ação humana, tratando-se da segunda natureza, da natureza transformada pelo trabalho social. (...) Em terceiro lugar, o meio ambiente não pode deixar de incluir o homem, mas um homem qualificado pelas suas relações sociais, sua cultura, seu ideário, mitos, símbolos, utopias e conflitos” (In Mesquita e Silva [org], 1993 p.25).

Reigota define meio ambiente como:

“o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído” (Reigota, 2002 p.14).

Como podemos notar nos três autores citados, o meio ambiente aparece como algo vivo e dinâmico, envolvendo um conjunto de interações e de transformações entre aspectos naturais, sociais e culturais.

Por percepção ambiental Bracagioli Neto *et al* (s/d) define da seguinte forma: “*A percepção ambiental não representa um dado objetivamente construído da realidade e sim decorrente das perturbações nervosas que nossos órgãos do sentido recebem*”. Porto (1996), por sua vez, entende percepção ambiental como sendo:

“a forma como o ser humano percebe o meio ambiente, seja através de seus elementos ou na sua totalidade. [Ela] envolve a personalidade, a memória, a cultura a situação sócio-econômica, os desejos, as ansiedades, a fisiologia pessoal e outros mecanismos e estruturas do ser humano” (Porto, 1996 p.117).

Entendemos também que a percepção ambiental pode variar entre as pessoas, entre os grupos sociais, entre os povos, variando também de região para região e, em cada momento histórico.

Fritjof Capra (1996) postula que, atualmente, vivemos uma crise de percepção derivada de uma visão que ignora a inter-relação e a interdependência entre sociedade e natureza. Dentro de uma perspectiva ecológica, é preciso perceber e reconhecer que a escassez dos recursos naturais, a degradação ambiental e social são aspectos de um mesmo problema: a concepção de mundo que separa natureza por um lado e sociedade por outro. Ele afirma que:

“Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos. O que significa que estão interligados e são interdependentes. (...) esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção” (Capra, 1996 p.23).

Sabemos que a forma com que percebemos o meio em que vivemos influencia as nossas ações sobre esse meio. Logo, a concepção que se tem desse meio está expressa em nossas atitudes cotidianas e em nossos sistemas de representação. Diegues (1996) diz que para entendermos a ação humana sobre o meio ambiente é preciso analisar seus sistemas de representação, símbolos e mitos. Como afirma Eliade (*Apud* Diegues, 1996), as imagens, os mitos e os símbolos são criações que revelam as mais secretas modalidades do ser. Pois é com bases nelas que os grupos sociais e indivíduos agem sobre o meio ambiente.

Imaginamos que compreender a percepção ambiental das lavadeiras de roupas é uma tarefa desafiadora. Pois “*mais permanentes e mais difíceis de expressão são os sentimentos que temos para um lugar, por ser o lar, o local de reminiscência e o meio de se ganhar a vida*” (Fraxe, 2000 p.53). É provável que o rio represente isso também para estes dois grupos.

Ao fazer nossa abordagem sobre a percepção ambiental que as lavadeiras de roupas têm a respeito do rio Contendas, tentaremos usar do rigor com o intuito de controlar nossos juízos de valores em relação às formas de percepção que elas têm do rio, portanto não faz parte do objetivo desse trabalho julgar suas formas de concepções como

certas ou erradas. Pretendemos, apenas, expor a visão que esse público tem desse curso d' água.

Pensamos percepção ambiental como uma construção dialética que se dá a partir da inter-relação e da dinâmica entre o percebente e o percebido. Isto é, a forma como o percebido se apresenta e o modo pelo qual o percebente o vê contribuem para a construção da percepção ambiental. Portanto, essa percepção é influenciada por um conjunto de relações entre esses dois elementos. Em outras palavras, a percepção ambiental é fruto das interações entre ambos.

Metodologia

Com o intuito de saber algo a respeito do grupo pesquisado, realizamos várias visitas ao rio Contendas, no trecho que vai do Alto da Boa Vista ao Bairro Nossa Senhora de Fátima. Esta pesquisa teve a duração de um ano, ou seja, de março de 2005 a fevereiro de 2006.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a observação participante. Esse método de pesquisa implica na própria experiência, envolvendo o pesquisador e o grupo pesquisado. Para Chizzotti (1998) essa forma de observação consiste em:

“contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (...) A atitude participante pode ser caracterizada por uma partilha completa; duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participantes, vivenciando todos os aspectos possíveis da sua vida, das suas ações e dos seus significados” (Chizzotti, 1998 p.90)

Através da observação participante é possível ao pesquisador compreender uma variedade de elementos que faz parte do cotidiano do grupo pesquisado. Contudo, é preciso que ele deixe ser afetado por suas experiências de campo, vivenciadas junto ao grupo pesquisado. Sabemos que a compreensão dos diferentes aspectos da vida do grupo pesquisado passa pelos filtros da percepção do pesquisador. Ainda que o pesquisador esteja vivendo junto aos sujeitos pesquisados, a sua visão de mundo é completamente

diferente. Geertz (1997) afirma que, para entendermos o ponto de vista de um grupo social, é preciso deixar de lado as nossas concepções de mundo e buscar ver nas experiências deles as suas próprias compreensões. Geertz (1997) diz também que para o pesquisador compreender os elementos essenciais da vida social de um grupo é necessário:

“Não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo” (Geertz, 1997 p.88-89).

Como podemos perceber, a observação participante se dá através da inter-relação entre o sujeito que pesquisa e o sujeito pesquisado. Acreditamos que a pesquisa etnográfica nada mais é que o resultado da experiência vivida entre pesquisador e grupo pesquisado. Logo, o que produz o etnógrafo é apenas uma possibilidade de leitura a respeito da realidade de um grupo social. Como afirma Laplantine:

“Os fatos etnográficos são fatos cientificamente construídos, a partir de nossas observações, mas também contra nossas observações, nossas impressões, as interpretações dos interessados e nossas próprias interpretações espontâneas. Existe, portanto, uma inadequação entre, de um lado, a realidade social estudada, que não é nem esgotada nem esgotável pela etnologia, e de outro, o objeto que construímos a partir de uma determinada opção disciplinar e teórica, e da nossa própria relação com o psicológico e o social” (Laplantine, 2003 p.194).

Apesar destas características da pesquisa etnográfica, cremos ser possível ao pesquisador mostrar aspectos da realidade social estudada, exibindo certas regras de funcionamento. Sabemos que existe certo distanciamento entre o que observamos em campo e o que escrevemos. Para Evans-Printchad (1978):

“a batalha decisiva não se trava em campo, mas depois que se volta (...) Qualquer um pode trazer um fato novo; o problema é trazer uma nova idéia” (Evans-Princhard, 1978 p.302).

Continua Evans-Princhard:

“Temos que descrever como aquele povo pensa a respeito de algo que nós também consideramos real, e de que forma essa crença afeta suas vidas” (IBID:p.304).

O grande desafio do antropólogo está em transcrever criativamente o material colhido em campo, a respeito dos fenômenos culturais de um povo, sem total interferência de seu esquema mental. Sabemos que é complexo falar em imparcialidade no trabalho etnográfico. Entretanto, o pesquisador pode administrar suas crenças e valores durante a textualização dos dados adquiridos. Isso pode ser conseguido através da narração do próprio cotidiano do grupo em estudo e não na tentativa de enquadrá-lo em nosso esquema mental. Não queremos, com isso, dizer que o etnógrafo vá produzir algo idêntico ou semelhante ao que acontece no cotidiano das pessoas, mas sim editar um texto criativo. Essa descrição criativa *“não se define por seus elementos, nem por um centro de unificação ou de compreensão; mas pelo número de suas dimensões, ela não se divide (...) e não pára de se transformar”* (Deleuze e Guattari, 1997 p.33).

James Clifford (1998), ao fazer críticas à autoridade etnográfica, afirma que essa escrita é apenas uma tradução da experiência de campo. Contudo, o que o etnógrafo escreve é sempre um devir.

“Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. É sempre da ordem da aliança. É um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’, ‘nem produzir’. (...) estamos sempre lidando com uma mantilha, com uma população, com uma multiplicidade” (Deleuze e Guattari, 1997 p.19).

O pesquisador deve evitar fazer classificação ou generalização a respeito do grupo social estudado, mas mostrá-lo em suas diversidades, multiplicidades e singularidades. O texto etnográfico não é apenas produto da observação. É também condicionado por algo que afeta o etnógrafo, durante o deslocamento que ele faz ao sair de seu ambiente para o ambiente do sujeito pesquisado. Isto significa dizer que, aquilo que afeta o grupo estudado, de certa forma, também pode afetar o pesquisador. É nesse intercâmbio de pluralidade que devemos construir o texto etnográfico, a partir do consenso intersubjetivo (entendimento mútuo). Logo, o texto etnográfico não é estático, é algo que está em contínuo movimento e é fruto de experiências partilhadas entre sujeitos.

Neste trabalho, tentaremos revelar fragmentos da vida social dos grupos investigados. Não é nosso objetivo formular teorias a partir deste estudo, para explicar o

cotidiano geral das lavadeiras de roupas ou de outros grupos que estão inseridos no ambiente em estudo. É possível que entre as próprias lavadeiras de roupas existam uma gama de comportamentos e significados em relação ao rio Contendas. Logo, esta pesquisa buscará descrever possibilidades de relações que as lavadeiras de roupas mantêm com rio Contendas, no dia-a-dia. Imaginamos que “*o conhecimento, em qualquer momento dado, será uma função dos limites aos meios de percepção que temos a nossa disposição*” (Bateson,1987 p.35). Ademais, “*a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada (...) e subjetivamente dotada de sentido*” (Berger e Luckmann,1987 p.35) tanto para o pesquisador como para o sujeito pesquisado, no momento da experiência travada entre esses dois interlocutores.

O nosso envolvimento com os interlocutores tem ido além de conversas informais, entrevistas e observações de seus hábitos, objetivando colher dados acerca de suas concepções e atitudes em relação ao rio Contendas. É de costume as lavadeiras de roupas ficarem se lamentando por conta da existência das moitas na beira do rio. Elas perguntam se vamos mandar cortá-las. Explicamos que estamos apenas fazendo uma pesquisa. E, às vezes, terminamos sugerindo que procurem a Secretaria de Obras da Prefeitura, visto que é essa secretaria que faz a limpeza urbana da cidade.

Outro dia (abril /05), ao passarmos pelo bairro Bandeira Branca, uma senhora nos chamou e disse que sua filha tinha ido parar no hospital depois de ter passado dois dias bebendo água do rio. Isso aconteceu em decorrência da deficiência do sistema de abastecimento de água ofertado pela CAGECE - “*ta com uma semana que não chega água aqui*” disse-nos ela. Nós a aconselhamos ferver a água proveniente do rio, antes de consumi-la (a eficiência desta técnica varia conforme a qualidade da água).

Portanto, o texto a seguir, tenta mostrar a nossa perspectiva a respeito das relações das lavadeiras de roupas em relação ao rio Contendas, bem como a percepção e as representações que elas têm dele.

O rio Contendas na cidade de Massapê-CE

Este estudo foi realizado no trecho do rio Contendas que corta a cidade de Massapê-CE. Esta cidade está localizada na Região Noroeste do estado do Ceará, a 245 km da capital, Fortaleza-CE. Tem uma área geográfica de 533,4 km², 83 m de altitude, 3°31' de latitude Sul e 40°20' longitude Oeste. Toda a sua superfície está situada na região semi-árida, abrangendo duas unidades geoambiental: Superfície Sertaneja e Maciço Residual. Sendo a primeira predominante. A população deste município era de 29524 habitantes em 2000 (IBGE, 2000). Ele é banhado por diversos rios, tais como: Contendas, Raiz, Caranguejo, Mocós, Mulungu e outros. A maioria deles está localizada na bacia hidrográfica do rio Acaraú.

O rio Contendas é um dos principais rios do município, percorrendo uma distância de 35 km desde sua nascente, na serra da Meruoca, até sua foz no açude Acaraú Mirim. Esse rio corta a cidade de Massapê-CE no sentido oeste-leste, passando pelos bairros Alto da Boa Vista, Baixa, Bandeira Branca, Vila São João, Cartucha, Marambaia e Nossa Senhora de Fátima.

No entorno da cidade de Massapê-CE, este rio é utilizado para diversos fins. São várias as atividades antrópicas exercidas neste corpo d' água. As pessoas tomam banho, lavam roupas e louças; lançam esgoto doméstico, resíduos sólidos (plásticos, papéis, pneus, animais mortos); pescam; extraem areia e argila que são usadas na construção civil e para a fabricação de tijolos e telhas; plantam capineiras, milho e feijão. A mata ciliar (cobertura vegetal situada às margens dos rios) serve de ponto de encontro para os usuários de maconha.

A mata ciliar deste rio, no entorno da cidade de Massapê, foi modificada completamente, diferenciando-se da vegetação a montante da cidade. Antes de o rio adentrar a cidade, percebe-se a existência de uma vegetação (embora bastante degradada) formada por uma variedade de plantas, tais como oiticica (*Licania rígida*), carnaúba (*Copermeia cerifera*), pau d' rio (*Ramirea*), sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia*), pau-branco (*Auxemma oncocayx*), jurema preta (*Mimosa tenuiflora*). Já no entorno da cidade, a vegetação predominante é formada por uma espécie de trepadeira, conhecida aqui, popularmente, como viúva alegre ou margarida.

As lavadeiras de roupas: cotidiano e percepção ambiental

As lavadeiras de roupas normalmente são donas-de-casa e pertencem a classes sociais de baixa renda. Antes de irem para o rio lavarem roupas, executam várias atividades em suas residências, tais como: varrer casa, preparar alimentos, lavar louças (muitas delas levam louças para lavar no rio), banham crianças e as levam para o colégio. Não existe uma hora certa para essas mulheres irem ao rio Contendas. “*Só vou lavar roupa quando me desocupo dos afazeres de casa*” (Diário de Campo, 17/05/05: p. 52), disse-nos uma delas. Elas se dirigem ao rio sempre a pé, ou seja, não usam nenhum meio de transporte (é raro ver alguma delas usando bicicleta) para se deslocarem ao rio; carregam as bacias ou “trouxas” de roupas na cabeça. Muitas crianças ajudam suas mães a levarem as roupas. Elas vêm de vários bairros da cidade. Ao chegarem ao rio, essas mulheres formam várias aglomerações em diversos pontos.

Mas o que leva essas mulheres a procurarem o rio para lavar roupas? E, como se dá a relação delas com outros usuários deste espaço? Vários são os fatores que conduzem as lavadeiras de roupas a irem em busca das águas do rio Contendas para exercerem suas atividades. Entre eles está: falta de água encanada em suas casas; falta de depósito para armazenamento (tanques, caixa d’água); deficiência no sistema público de abastecimento; o prazer de estar com outras lavadeiras de roupas; abundância de água no período invernososo; incremento na renda familiar e outros.

Ao caminharmos pelas margens desse manancial, notamos que umas estão conversando e sorrindo, outras ralhando com crianças que tomam banho, outras trabalham silenciosamente. Umas estão chegando, outras estão saindo. Muitas delas colocam a roupa molhada para enxugar sobre as cercas ou sobre a vegetação que existe nas proximidades; já outras preferem levar a roupa para ser estendida e secada em casa.

Certa vez, em uma de nossas visitas ao rio, vimos uma senhora se lamentando que seu batedor de roupa (pedra ou agregado de pedras, usado para friccionar a roupa para eliminar a sujeira) amanhecia sempre cheio de fezes humanas. Então, perguntamos quem fazia aquilo e ela disse: “*são os caboco*”. Tivemos a vontade de perguntá-la quem eram *os “caboco”*, mas percebemos que ela parecia um pouco irritada. Resolvemos não indagá-la e seguimos em frente. Dias depois, conversando com um morador das proximidades do rio, perguntamos-lhe o que significava a expressão “*são os caboco*” no sentido de acusação. Ele disse-nos o seguinte: “*os caboco são gente que não faz parte da nossa família e nem são dos nosso amigo. É as pessoa que gosta de fazer o mal os outro*” (Diário de Campo, 15/04/05:p.34). Pelo exposto, compreendemos que o termo “caboco” é usado como uma forma de desqualificar as pessoas que não fazem parte do mesmo grupo, ou que porventura venham a praticar ações que ferem os interesses ou normas grupais. Temos notado que as lavadeiras de roupas no seu cotidiano vêm utilizar a palavra “caboco” ao se referirem às pessoas que defecam nos batedouros de roupas, aos usuários de drogas e aos homens que se masturbam, enquanto elas tomam banho nas águas do rio.

Outro dia, ao passarmos por um trecho do rio, nas proximidades do bairro Bandeira Branca, uma mulher nos chamou e perguntou: “*você vei tirar as moita da beira do rio? Elas só serve para acoitar [agrupar] os caboco que fuma maconha. Eu vou lavar roupa morrendo de medo*” (Diário de Campo, 02/05/05: p. 45). Perguntamos-lhe se “os coboco” moravam na Bandeira Branca. Ela disse que não. E acrescentou:

“eles moram nos outros bairros. Eles vem da Rodagem, do Mocó (nome popular do Bairro Nossa Senhora de Fátima), do Alto da Boa Vista e de outros local que nem sei de onde é. Os rapazes aqui do bairro são bom, eles não fazem nada com ninguém”(Diário de Campo, 02/05/05: p. 45).

A palavra “caboco” tem uma acepção de designações e classificação social, externando um sentimento de acusação dos moradores de um bairro em relação aos outros ou de parte das lavadeiras de roupas em relação a outros usuários daquele espaço.

Para muitas lavadeiras de roupas, as moitas significam um lugar hostil e inseguro; já para os usuários de drogas (maconha), elas têm um caráter de calma e segurança. Durante nossas visitas ao rio, percebemos que os discursos de algumas

lavadeiras de roupas e de usuários de drogas revelavam certa disputa na utilização daquele ambiente.

Ouvimos diversos relatos das lavadeiras de roupas com relação ao rio Contendas, principalmente sobre as características da água, a mata ciliar e a sua importância. Para muitas, o rio representa uma fonte de renda. Elas falam que usam sua água com o intuito de economizar a conta d' água no final do mês, que lavam roupas para terceiros a fim de ganharem um “dinheirinho”.

São várias as lavadeiras de roupas que, ao falarem da qualidade da água, apresentam relatos que comungam com a mesma concepção: água corrente não é poluída ou é menos poluída. Vejamos alguns desses relatos:

“A água não é suja por causa di sê corrente” (Diário de Campo, 06/04/05:p. 28).

“A água não é muito limpa; água que recebe esgoto não pode ser limpa, mas o rio tá escorrendo, não tem nenhum problema” (Diário de Campo, 25/05/05:p.52).

“A água só é suja no verão, por caus qui ela é parada, no inverno a sujeira desce”(Diário de Campo02/05/05:p.45).

Como podemos perceber, umas acreditam que, pelo simples fato da água ser corrente (está escoando no leito do rio), a sua poluição é amena. Outras acreditam que o rio é poluído, mas mesmo assim elas não têm receio de fazerem uso de suas águas. Algumas, apesar de lavarem roupas e louças, disseram não terem coragem de tomar banho.

Conforme Marcos Von Sperling:

“Entende-se por poluição das águas a adição de substâncias ou de formas de energias que, direta ou indiretamente, alterem a natureza de um corpo d' água de uma maneira tal que prejudique os usos legítimos que dele são feitos” (Von Sperling, 1996 p.46).

Mota afirma que:

“Alem da água de beber, o homem utiliza este líquido para higiene pessoal, preparação de alimentos, lavagem de roupas e utensílios, rega jardins, recreação e outros. (...) esse liquido destinado ao consumo humano deve apresentar um

elevado padrão sanitário, devido aos riscos que uma água com impurezas tem de transmitir doenças” (Mota, 1995 p.1).

Como podemos notar, o saber das lavadeiras de roupas (em relação à qualidade da água) difere do saber técnico. O saber delas é um saber “tradicional”, ou seja, passado de pai para filho. É como muitas delas dizem: “*sabemos disso desde dos antigos, foi nossos pais que ensinou pra nós*” (Diário de Campo, 21/06/05: p.65) Já o saber técnico é construído a partir de experimentos, usando técnicas apropriadas. Tanto um quanto o outro são frutos da experiência, mas apenas uma delas é científica. Não diria que o conhecimento delas seja menos importante que o conhecimento técnico – é apenas uma forma de conhecimento.

Temos notado certa normalidade entre as lavadeiras de roupas com relação à carga de poluição que o rio tem recebido. Até mesmo entre aquelas que dizem que a água está muito suja (poluída ou contaminada). Não temos percebido manifestações delas, com intuito de solicitar a despoluição do rio. Seus desejos estão mais voltados para a retirada da vegetação existente nas margens. Nenhuma nunca nos pediu para retirar os esgotos do rio. Já não podemos dizer o mesmo com a vegetação marginal.

Com a relação à mata ciliar, elas dizem o seguinte:

“Esses mato num serve pra nada, só serve pro os maconheiros fazerem coitos (aqui coito significa se agrupar para fazerem uso da droga). Seria bom que o prefeito mandasse tirar esses moitas da beira do rio” (Diário de Campo, 25/05/05:p.52).

“Se essa moitas fosse cortadas, ficava melhor de lavar roupa, ninguém pode nem ficar aqui descansada. É os homem escondidos nas moitas pastorando a gente tomar banho”(Diário de Campo, 17/05/05:549).

Veja que nesses dois relatos está explícito o sentimento de utilidade que elas atribuem ao ambiente. Pois as moitas não estão sendo úteis a elas, mas a um outro grupo social que parece não ter a aceitação delas. Daí o desejo de eliminá-las. A presença das moitas também representa insegurança observe: “*Só lavo roupa olhando pras moitas, com medo dos caboco. A pior coisa que tem aqui é esses matos. Essas moita é um imundice*” (Diário de Campo, 02/04/05:p.15)

Conforme os relatos mencionados, notamos que a existência da mata ciliar é incompatível com o desejo das lavadeiras de roupas. Como já falamos anteriormente, na compreensão delas essa vegetação representa perigo, medo e aversão. Por isso, o anseio delas para a retirada da vegetação das margens do rio. Já para os usuários de drogas, essa mesma vegetação significa segurança, sossego. O significado difere entre as lavadeiras de roupas e os usuários de drogas. O grau de importância dada à mata ciliar parece variar conforme o uso.

No tocante ao grau de importância, as lavadeiras de roupas se referem ao rio como uma fonte de renda:

“O rio me ajuda muito, lavo a roupa de casa e lavo roupa para fora para ganhar meu trocadinho”(Diário de Campo, 15/04/05:p.30)

“Prefiro lavar roupa aqui do que em casa. A roupa fica mais bem lavada. E eu economizo minha conta d’Água” (Diário de Campo, 15/04/05:p.31).

Como podemos notar nestes relatos, o rio representa uma oportunidade econômica, um incremento à renda familiar.

Outro motivo que leva as mulheres a optarem pelo rio para lavar roupa é a descontração existente nesse ambiente coletivo, a interação com outras lavadeiras de roupas:

“Lá em casa o tanque tá chei d’ água. Mas eu prefiro vir pro rio. Aqui aparece alguém pra conversar, pra prosear” (Diário de Campo, 17/05/05:p.51).

Para muitas delas o rio é algo saudável e divino ou uma dádiva de Deus:

“Essa água é a nossa saúde, é um presente de Deus. Esse rio é uma benção para nós”(Diário de Campo, 15/04/05:p.35).

Notamos que em alguns dos julgamentos (“*Esse rio é uma benção para nós*”; “*um presente de Deus*”) revelam uma concepção sobrenatural que elas têm do rio. Isso mostra que para algumas das lavadeiras de roupas esse corpo da água tem uma dimensão material-espiritual. Pois se apresenta como um presente divino para socorrê-las, após o período da estiagem. Estes relatos também podem revelar a crença dessas mulheres em um ser supremo responsável pela origem das coisas.

Considerações finais

Durante esse estudo constatamos que as lavadeiras de roupas não são as únicas pessoas a se relacionarem com esse ambiente. Quase toda a população da cidade faz uso do rio Contendas. Na cidade não existe sistema de tratamento de esgoto sanitário, a maior parte desses resíduos produzidos tem como destino final esse manancial.

Para muitas lavadeiras de roupas, o rio é uma bênção de Deus, uma dádiva divina; além de ter a função de auxiliá-las no complemento da renda familiar. O rio parece ter um significado simbólico e não somente material. Suas atividades seguem a dinâmica do rio, pois, no período invernos, junto ao movimento das águas, se mistura uma legião de mulheres lavando roupas. Já no período da estiagem, essas mulheres vão sumindo com as águas. O cenário é de escassez.

Referência bibliográfica

- BACON**, Francis. **Novum Organum**. Tradução de Antonio M. Magalões. Porto – Portugal: RÉ-S-Editora, 1991.
- BATESON**, Gregory. **Natureza e Espírito: Uma Unidade Necessária**. Trad. de Maria do Rosário Carrilho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- BERGER**, P. L. e **LUCKMANN**, T. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 7. ed. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CAPRA**, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. Trad. de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CHIZZOTTI**, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. Ed. 2. São Paulo: Cortez, 1998.
- CLIFFORD**, James. **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DELEUZE**, G. & **GUATTARI**, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DIEGUES**, Antonio C. S. **O Mito da Natureza Intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- DORIN**, Lannoy. **Enciclopédia de Psicologia Contemporânea: Psicologia Geral**. v.1. São Paulo: Livraria Editora Iracema, 1984.
- EVANS-PRITCHARD**, Edward E. **Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRAXE, Therezinha J. P. **Homens Anfíbios: Etnografia de um Campesinato da Águas**. São Paulo:Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 3. ed. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis:Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção** 2.ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo:Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, Olindina Viana e **SILVA**, Solange T(org). **Geografia e Questão Ambiental**.Rio de Janeiro:IBGE, 1993.

MOTA, Suetônio. **Preservação e Conservação do Recursos Hídricos**. 2. ed. Rio de Janeiro:ABES, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NUNES, Paulo H. F. **Mineração, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: Aspecto Jurídico e Sócio-econômico**. <http://www.direitointernacional.cjb.net> Acessado em 25 de março de 2005.

PORTO, Maria de Fátima M. Maia. **Educação Ambiental:Conceitos Básicos e Instrumentais de Ação**. Belo Horizonte: Fundação Estadual do Meio Ambiente; DESA/UFMG, 1996 (Manual de Saneamento e Proteção Ambiental para os Municípios; 3).

REIGOTO, MARCOS. **Meio Ambiente e Representação Social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Questões da Nossa Época, v. 41).

VON SPERLING, Marcos. **Introdução a Qualidade das Águas e ao Tratamento de Esgotos**. 2. ed. Belo Horizonte: Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental; Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.